

— EDITADO POR —
LAWRENCE W. REED

DESCULPE-ME, SOCIALISTA

DESMA SCARANDO AS
50 MENTIRAS MAIS
CONTADAS PELA
ESQUERDA



**DESCULPE-ME,
SOCIALISTA**

DESCULPE-ME, SOCIALISTA

DESMASCARANDO AS 50 MENTIRAS MAIS CONTADAS PELA ESQUERDA

Editado por LAWRENCE W. REED

Tradução:

LEONARDO CASTILHONE



COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2018
COPYRIGHT © 2015 BY FOUNDATION FOR ECONOMIC EDUCATION
PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH REGNERY PUBLISHING
REGNERY® IS A REGISTERED TRADEMARK OF SALEM COMMUNICATIONS
HOLDING CORPORATION

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer
meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Preparação **TUCA FARIA**
Revisão **CARLA BITELLI, DANIELA TRANCHES DE MELO E RENATO SASSONE**
imagem de capa **ASTUDIO | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Reed, Lawrence

Desculpe-me, socialista : Desmascarando as 50 mentiras
mais contadas pela esquerda / Lawrence W. Reed ; tradução de
Leonardo Castilhone. — São Paulo : Faro Editorial, 2018.
240 p.

ISBN 978-85-9581-048-8
Título original: Excuse-me professor

1. Ciência Política 2. Economia 3. Capitalismo – Aspectos polí-
ticos 4. Progressivismo 5. Filosofia I. Título II. Castilhone, Leonardo

18-1636 CDD 320

Índice para catálogo sistemático:

1. Ciência política : Economia 320



1ª edição brasileira: 2018
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 — Sala 1702
Alphaville — Barueri — SP — Brasil
CEP: 06454-010 — Tel.: +55 11 4196-6699
www.faroeditorial.com.br

Sumário

Uma mentira repetida mil vezes se torna verdade?	7
Introdução	11
1. A desigualdade econômica deriva das forças do mercado e exige intervenção estatal	15
2. Como nossos recursos estão acabando, o governo precisa gerenciá-los	19
3. A igualdade contribui para o bem comum	23
4. Quanto mais complexa a sociedade, mais o governo controla o que precisamos	27
5. A desigualdade econômica é a maior crise econômica e moral da nossa época	30
6. O capitalismo fomenta a ganância, e as políticas governamentais precisam moderá-lo	34
7. O livre mercado ignora os pobres	38
8. A economia precisa de mais planejamento — ou seja, planejamento <i>central</i>	41
9. Os direitos humanos são mais importantes que os direitos à propriedade	45
10. Eu tenho o direito!	48
11. Os ricos têm obrigação de retribuir.	52
12. Prefiro segurança a liberdade.	56
13. Cooperação, não competição!	59
14. Assistência médica é um direito.	63
15. Estamos destruindo a Terra, e o governo precisa fazer alguma coisa.	67
16. A propriedade precisa ser partilhada de forma equânime	70
17. Só precisamos que as pessoas certas comandem o governo.	75
18. A humanidade pode ser melhor compreendida num contexto coletivo.	80
19. Governo grande ajuda a controlar grandes negócios	84
20. O governo pode ser uma opção mais branda do que a dureza do mercado	88
21. As oficinas capitalistas escravizantes e o trabalho infantil clamam por intervenção estatal	93

22. Acordos voluntários e baseados no mercado ‘usam’ as pessoas	96
23. É necessária a ação governamental para o equilíbrio do déficit comercial	101
24. Os americanos desperdiçam sua renda consigo mesmos, enquanto as necessidades públicas são negligenciadas	105
25. Se o governo não resolver a crise, quem o fará?	108
26. A preservação histórica não acontecerá a menos que o governo assuma o controle .	111
27. O governo deveria ter o poder de fazer com que as pessoas cuidassem mais de si mesmas	115
28. Gastos estatais trazem empregos e prosperidade.	120
29. <i>The Jungle</i> , de Upton Sinclair, provou que a regulação era necessária	123
30. A Revolução Industrial capitalista amaldiçoou o mundo com o terror do trabalho infantil	130
31. Sindicatos trabalhistas elevam salários e o padrão de vida	135
32. Roosevelt foi eleito em 1932 baseado numa plataforma de esquerda para planejar a economia	138
33. A Grande Depressão foi uma calamidade do capitalismo desenfreado	142
34. O governo deve subsidiar as artes	151
35. O governo combate a inflação	156
36. O <i>outsourcing</i> é ruim para a economia.	161
37. Se não foi o New Deal de Roosevelt que pôs fim à Depressão, então foi a Segunda Guerra Mundial	166
38. O salário mínimo ajuda os pobres.	170
39. Mercados liberais exploram as mulheres	175
40. Os ricos estão ficando mais ricos, e os pobres, mais pobres	179
41. A Standard Oil Company de Rockefeller provou que precisávamos de leis antitruste para combater monopólios estatais	184
42. O livre mercado não pode oferecer educação pública	194
43. Warren Buffett paga menos impostos federais que a secretária dele.	198
44. Lucro é evidência de comportamento suspeito	203
45. Robôs e informatização geram desemprego	207
46. Disparidades estatísticas entre raças provam a discriminação	213
47. A solução para a explosão demográfica é o controle populacional	218
48. Países com escassez de recursos precisam de um planejamento central para se desenvolver	223
49. As pessoas amam a história de Robin Hood porque ele tirava dos ricos para dar aos pobres	227
50. Capitalistas gananciosos tiram vantagem de pessoas em desastres naturais; controle de preço é a resposta.	232
Sobre o editor e coautor	237

Uma mentira repetida mil vezes se torna verdade?

Desde que o uso das redes sociais se tornou quase universal, já não há quem não tenha opinião sobre todos os assuntos. Há, no entanto, certo grupo de pessoas cujas opiniões são não apenas invariavelmente previsíveis, mas invariavelmente uniformes, ao ponto de ser possível conceber um gerador eletrônico delas. Não importa se o tema em discussão é econômico, sociológico, cultural ou moral: as opiniões são variações do mesmo refrão. Se parece, portanto, que existe uma espécie de fábrica de clichês da qual todos esses pontos de vista se originam, é porque existe.

Quem são essas pessoas? O que têm em comum? O leitor atento terá notado certos traços característicos. Por exemplo, quase sempre elas têm algum tipo de ligação com o mundo cultural e acadêmico, fato que dá àquilo que dizem o peso da autoridade instituída, o que leva à sua repetição por milhares de outras pessoas que não têm relação com essa autoridade. Uma mentira repetida mil vezes se torna verdade? Não, se torna um clichê. Esse grupo fala também em nome do futuro e do progresso. Progresso, esta é a palavra: de um modo ou de outro, essas pessoas são o que podemos chamar de *progressistas*.

O filósofo norte-americano Thomas Sowell explica que por trás da distinção aparente entre as várias correntes políticas há, na verdade, uma distinção entre duas visões da natureza humana. A visão que costuma corresponder à esquerda pode ser resumida na famosa frase de Jean-Jacques Rousseau: “O homem nasceu livre e por toda a parte se encontra acorrentado”. A guerra, a pobreza, a escassez, a infelicidade humana e os males do mundo, enfim, são

causados pelas instituições e pelas convenções sociais. Para resolvê-los, portanto, é preciso mudar as instituições e para isso é preciso mudar as pessoas, com base na educação e na “conscientização”. John Stuart Mill chegou ao ponto de afirmar que o único impedimento real para a obtenção da felicidade geral era a péssima qualidade da educação. Trotsky foi ainda mais longe e proclamou que sob o socialismo todo o ser humano seria um Goethe ou um Da Vinci. De acordo com essa visão, pois, a natureza humana é essencialmente boa ou, no mínimo, maleável: é preciso apenas direcioná-la para a finalidade adequada. Evidentemente, o direcionador será o intelectual de esquerda iluminado. Daí a tara por tudo problematizar e a todos conscientizar; daí a tendência, por parte dos progressistas, a crer que a humanidade inteira vive e sempre viveu nas trevas e precisa ser conscientizada; daí a vocação para o proselitismo, a moralização, a formação de seitas, o patrulhamento ideológico. Os rótulos de “redneck” e “cozinha”, que os progressistas norte-americanos e brasileiros, respectivamente, deram ao cidadão comum não poderiam ser mais eloquentes: para a esquerda, quem ainda não é de esquerda é um índio à espera do seu jesuíta.

Se tudo isso parece longínquo e abstrato, que o leitor faça a experiência de abrir um grande jornal qualquer. Sem dúvida terá a impressão de que a sociedade brasileira chegou ao consenso de que: “a redução da maioria penal não é a solução”; a principal causa da violência é a desigualdade social; o aborto é um direito da mulher; pode-se definir o próprio gênero; uma “educação pública, gratuita e de qualidade é direito de todos”; o porte de armas deve ser proibido; os países europeus têm obrigação de receber refugiados árabes; é preciso combater os carros; vivemos em uma sociedade patriarcal; é preciso corrigir uma injustiça histórica contra os negros. Todas essas são opiniões tipicamente de esquerda, embora adorem se passar por consensos universais.

Mas, pergunta ao leitor, se essas opiniões estão ligadas ao mundo acadêmico e cultural, se são reproduzidas nos maiores jornais do país, será que não são mais embasadas, mais sérias, mais científicas? Como mostra, com sobra de exemplos, o livro que o leitor tem em mãos, a resposta é um definitivo *não*. Essas opiniões não são adoradas por acadêmicos e jornalistas porque estão certas, mas porque lhes dão poder. Por exemplo, se afirma que a economia deve ser gerida pelo Estado, naturalmente especialistas em economia estarão a cargo da gerência. Se, ao contrário, se defende que a economia

deve ser organizada pelas forças do mercado, isso significa que ninguém tem controle sobre ela.

Muitas ideias progressistas são e foram valiosas. Entretanto, elas adquiriram tal autoridade automática e se tornaram tão repetidas, que, atualmente, não passam — pelo menos a maioria delas — de clichês vazios. Expor esses clichês, traçá-los até sua fonte e mostrar por que são um erro teórico e prático é o que fazem aqui Lawrence W. Reed e seus coautores. Quem tiver lido este livro nunca mais verá as discussões públicas, em que abundam os clichês, da mesma forma.

EDUARDO LEVY

Tradutor e professor de inglês. Estudou Filosofia e Letras na Universidade Federal de Minas Gerais além de artes liberais e literatura na Universidade de Wisconsin (EUA), com estudos em diversas outras áreas.

Introdução

Clichês são cansativos, desgastantes e, quase sempre, induzem ao erro. Portanto, por que compilar um livro cheio deles? Porque, quando eles são utilizados a serviço de uma ideologia falha e travestida de algo novo e revigorante, conduzem pessoas bem-intencionadas a becos sem saída.

Embora quase sempre emane das redomas de vidro do meio acadêmico, o progressismo é uma filosofia sem futuro, cuja noção fundamental é a de que uma elite cultural deveria planejar e estruturar as sociedades por intermédio de um poder central. Os progressistas rejeitam muitos dos princípios sobre os quais os Estados Unidos foram fundados, inclusive o de governo pequeno e limitado, liberdade e escolha individualizadas, a santidade do contrato e da propriedade privada e uma economia de livre mercado.

Sob diversos aspectos, existe pouco de verdadeiramente “progressivo” no progressismo. Uma das principais lições da história é que o progresso humano acontece quando os humanos são livres e, mesmo assim, a agenda progressista visa diminuir substancialmente as liberdades enquanto promete o inatingível: um Estado gigantesco, mas, de certa forma, sábio e compassivo. Pelo fato de os progressistas não terem êxito quando expõem para as pessoas suas ideias em termos claros e precisos, eles recorrem a uma sequência infinita de meias-verdades. Esse pessoal faz isso há tanto tempo — mais de um século — que muitas dessas meias-verdades tornaram-se clichês conhecidos por todos, mas frequentemente respondidos de maneira pouco eficaz.

Pense nesta coletânea como um guia de referência útil, independentemente de seu nível de escolaridade ou escolha profissional. Você não precisa ser economista ou filósofo para compreender o que está escrito aqui. Clichês progressistas são apresentados, e depois suas farsas são desvendadas com argumentos convincentes para o público leigo em geral. Para aqueles que são ativamente engajados em promover a liberdade e combater falácias esquerdistas, esta obra será uma contribuição indispensável ao seu arsenal de munição intelectual.

É mais do que uma feliz coincidência a possibilidade de a Fundação para a Educação Econômica (FEE, na sigla em inglês) colaborar com a Fundação da Juventude Americana (YAF, na sigla em inglês) neste importante projeto. Dois outros trabalhos antecederam este livro, quais sejam, duas publicações clássicas da FEE que a YAF ajudou a distribuir no passado: *Clichés of Politics*, publicado em 1994, e, o mais influente, *Clichés of Socialism*, que fez sua primeira aparição em 1962. De fato, esta nova coleção contém alguns capítulos desses dois trabalhos prévios, agora atualizados. Outros registros apareceram antes em certas versões na revista da FEE, *The Freeman*. Outros ainda são novos, inéditos.

Esta antologia de ensaios apareceu sob o título da série on-line *Clichés of Progressivism* [Clichês do Progressismo], de abril de 2014 a abril de 2015, nos sites da YAF e da FEE. Nossas duas organizações têm o prazer de oferecer este livro para um público maior, tanto de recém-apresentados às ideias de liberdade quanto de velhos amigos que buscam respostas atualizadas às enganações em evolução dos estadistas de esquerda.

A ligação FEE/YAF assume uma perspectiva pessoal com o presidente da FEE, Lawrence W. (“Larry”) Reed, como editor deste projeto. Aos 14 anos, Larry foi profundamente afetado pela invasão soviética na Checoslováquia, em agosto de 1968. Em questão de semanas, ele participou de uma manifestação da YAF contra aquela invasão no centro de Pittsburgh, Pensilvânia. Larry se juntou à YAF e devorou o pacote informativo fornecido para os novos membros, que incluía: uma contribuição para a *Freeman*; *A lei*, de Frédéric Bastiat (publicado pela Faro Editorial); *Economia numa única lição*, de Henry Hazlitt; *The Mainspring of Human Progress*, de Henry Grady Weaver; *O caminho da servidão*, de Friedrich Hayek; e, sim, uma edição antiga de *Clichés of Socialism*. Como o próprio Larry colocou: “A mensagem era: ‘Se você quer ser um anti-comunista, tem de ir além de apenas ser contra tanques e armas usados em

peças inocentes. Você também precisa conhecer, de trás para a frente, filosofia e economia.’ A YAF me apresentou à FEE, e agora, quase meio século mais tarde, nós dois estamos apresentando nossos valores em comum a novas gerações de jovens.”

Mais ou menos na época em que Larry começava no “movimento” para a liberdade, eu fazia o mesmo, evoluindo na senda de fundador de subseções para posições de liderança dentro da YAF. Posso confirmar o poder das publicações e dos seminários da FEE produzidos na época, o que ocorre ainda hoje, pois eles também foram fundamentais na evolução do meu pensamento. Tem sido um prazer trabalhar nos últimos anos com Larry para reavivar nossas associações e, por conseguinte, expandir a influência tanto da FEE quanto da YAF.

Desculpe-me, Socialista não tem a pretensão de ser a resposta definitiva para uma ideologia prejudicial. A esquerda, no mínimo, tem se provado uma besta astuta e pérfida. Ele tem agido como aquele jogo de fliperama “Whac-A-Mole”.* Desmascara-se um mito, e outro ergue sua cabeça logo em seguida. E aquele que você desmascarou não deixa de ressurgir de tempos em tempos; quando as pessoas se esquecem de seus embustes implícitos ou quando surge uma nova geração, ele volta a figurar em seus discursos. Este é um projeto que irá demandar nossa constante vigilância no futuro, para que não nos deixemos cair em suas narrativas.

Por fim, quero agradecer a Rick e Jane Schwartz por nos inspirar e tornar possível esta publicação. Rick sempre busca as respostas mais persuasivas possíveis para dar aos seus funcionários e amigos. As intuições de Rick e Jane ajudam a causa libertária de inúmeras maneiras.

RON ROBINSON

Presidente

Fundação da Juventude Americana

Reston, Virgínia

* N. do T.: Trata-se de um jogo em que há vários buracos de onde saem toupeiras, e o jogador precisa bater nelas com um martelo.

1

A desigualdade econômica deriva das forças do mercado e exige intervenção estatal

Por Max Borders

A DESIGUALDADE ESTÁ EM TODOS OS LUGARES. NUMA FLORESTA tropical, árvores de mogno absorvem mais água e luz do sol do que todas as demais plantas e os animais. Em nossos ecossistemas econômicos, empreendedores e investidores controlam a maior parte dos ativos do que o restante de nós. Ninguém dá a mínima para as árvores de mogno, mas há terríveis discussões sobre os mais abastados. Porém, no caso dos ecossistemas e das economias, há ótimas razões para uma distribuição desigual de recursos.

As fontes de algumas formas de desigualdade possuem melhores embasamentos que outras. Por exemplo, a desigualdade que se manifesta em consequência do capitalismo de compadrio — ou “*crapitalismo*”,* como o editor da *Barron*, Gene Epstein, prefere chamá-lo — certamente não é nada desejável. Por isso, é importante que façamos uma distinção entre empreendedores econômicos e empreendedores políticos: os primeiros criam valor para a sociedade; os últimos descobriam como transferir recursos dos outros para seus próprios cofres, normalmente por meio de *lobby* para a obtenção de subsídios, favores especiais ou leis anticoncorrenciais.

Se pudermos desassociar a imagem dos “*crapitalistas*” dos verdadeiros empreendedores, poderemos ver as diferenças entre os aproveitadores e os criadores. E a desigualdade gerada pelo empreendedorismo honesto, longe de

* N. do T.: Contração de *crony capitalism* (capitalismo de compadrio), gerando um trocadilho com *crap capitalism* (capitalismo de merda).

indicar que algo está errado, indica geração de prosperidade para todos. Num sistema em que todos se beneficiam por meio do intercâmbio de conhecimento e da criatividade, algumas pessoas, fatalmente, se tornarão bem-sucedidas. É uma característica natural do sistema — um sistema que recompensa empreendedores e investidores por serem bons administradores do capital. Sem dúvida, quando as pessoas não administram bem o capital, elas tendem a falhar. Em outras palavras, aqueles que fazem maus investimentos ou que não servem bem seus consumidores dificilmente ficarão ricos.

Sempre que ouvíssemos alguém se lamentando da desigualdade, deveríamos reagir de imediato com a pergunta: “E daí?” Algumas das pessoas mais inteligentes (e até mesmo algumas das mais ricas) misturam preocupações com os mais pobres com preocupações sobre os ativos controlados pelos mais ricos. Essa noção está enraizada naquele velho pensamento de soma zero — a ideia de que se um pobre não tem é porque o rico tem. Mas uma pessoa só se beneficia à custa da outra no “crapitalismo”, não sob condições de empreendedorismo honesto e livre comércio.

Com exceção daqueles que lucraram muito contratando advogados e lobistas em vez de pesquisadores e desenvolvedores, indivíduos ricos chegaram a essa condição por criarem grande quantidade de valor para grande quantidade de pessoas. Assim, a ausência de super-ricos, na verdade, seria um péssimo sinal para todos nós — sobretudo para os mais pobres. Com efeito, isso indicaria uma de duas hipóteses: ou que nenhum valor teria sido criado (menos coisas boas em nossas vidas, como iPhones e trufas de chocolate), ou que o governo se comprometera com radicais redistribuições de renda, removendo todo tipo de incentivos significativos para que as pessoas se tornassem criadoras de valor e administradoras de capital.

Sejamos honestos. Quando os recursos estão alocados em investimentos ou em contas bancárias, eles não estão *ociosos*. Ou seja, a maioria dos mais ricos não sai por aí enfiando seus milhões debaixo de colchões ou mergulhando em seus cofres cheios de moedas de ouro. Em condições de estabilidade econômica, esses recursos atuam constantemente na economia. Em condições mais estáveis, parte é destinada para um restaurador criativo do interior na forma de um empréstimo. Outra parte é utilizada por árbitros que ajudam a estabilizar os preços das mercadorias. Outra parte ainda é empregada a uma enfermeira, que assim poderá comprar sua primeira casa. Sob

circunstâncias normais, todas essas são coisas boas. Mas quando demasiados recursos são interceptados pelo governo, antes de chegarem a esses atores fundamentais das redes econômicas, acabam sendo dilapidados por causa da burocracia federal — um vórtice em que a prosperidade desaparece.

Deveríamos nos lembrar de que, por conta de nossos mercados produtivos, a maioria de nós vive de forma luxuosa. As diferenças nos ativos não são iguais às diferenças nos padrões de vida, embora as pessoas tendam a criar fetiches quanto àquelas. O economista Donald Boudreaux reforça que a fortuna de Bill Gates deve ser cerca de 70 mil vezes maior que a dele. Mas isso significa que Bill Gates ingere 70 mil vezes mais calorias do que o professor Boudreaux? As refeições de Bill Gates são 70 mil vezes mais saborosas que as dele? Seus filhos são 70 mil vezes mais bem-educados? Ele pode viajar para a Europa ou para a Ásia 70 mil vezes mais rápido ou mais seguro? Gates viverá 70 mil vezes mais anos que ele? Hoje, até o mais pobre em um país como os Estados Unidos tem uma vida melhor do que quase qualquer pessoa que vivia no século XVIII e melhor do que dois terços da população mundial.

Ao ouvirmos pessoas aflitas com as desigualdades econômicas deveríamos nos perguntar: será que essa gente está genuinamente preocupada com os mais pobres ou apenas se sente indignada com os ricos? Veja só como distinguir: sempre que alguém reclamar sobre “a disparidade”, pergunte-lhe se ele gostaria que os ricos fossem ainda mais ricos se isso gerasse melhorias nas condições dos miseráveis entre nós. Se ele disser que “não”, estará, assim, admitindo que sua real preocupação é com o que os endinheirados possuem, não com o que falta aos pobres. Se sua resposta for “sim”, então torna-se irrelevante tratar da tal “disparidade”. Depois, você poderá dirigir a conversa para uma preocupação legítima — por exemplo, como melhorar as condições dos mais pobres sem ter que pagar para mantê-los sob a tutela do Estado. Em outras palavras, a conversa verdadeiramente produtiva que deveríamos ter é sobre a *pobreza absoluta*, a *miséria*, não sobre a pobreza relativa.

Na maior parte das discussões sobre desigualdade econômica, uma dinâmica emocional básica encontra-se em atividade. Determinada pessoa se dá conta de que tem menos do que outra, e passa a sentir inveja. Porventura, percebe que tem mais do que outra, e sente culpa. Ou vê que alguém tem mais do que outros, e sente indignação. Inveja, culpa e indignação. São essas as emoções que deveriam motivar as políticas sociais? Quando começarmos a

compreender as origens da riqueza — empreendedores honestos e administradores do capital em um ecossistema desigual desde a raiz — poderemos aprender a deixar nossas emoções mais primitivas para trás.

RESUMO

- Desigualdades econômicas, como traços de personalidade que formam cada indivíduo, são uma característica inata da humanidade.
- Quando há um aumento natural da desigualdade econômica no mercado, isso reflete amplamente na capacidade dos indivíduos de servirem seus semelhantes; quando tal aumento ocorre por ligações políticas, a injustiça e a corrupção tomam conta.
- Permitir que a desigualdade econômica ocorra, contanto que não seja derivada de ações políticas, inevitavelmente, eleva o padrão de vida de todos.
- Preocupações pelos “pobres” é, quase sempre, uma mera forma de disfarçar inveja ou desdém pelos “ricos”.

2

Como nossos recursos estão acabando, o governo precisa gerenciá-los

Por Max Borders

MILTON FRIEDMAN DISSE, CERTA VEZ, QUE SE COLOCASSEM O governo federal para administrar o deserto do Saara, em cinco anos haveria escassez de areia. O grande economista não estava apenas querendo ser engraçado, não obstante apontasse para um problema muito grave acerca do gerenciamento governamental dos recursos. Neste capítulo, responderemos por que esse é um problema. Antes, porém, deveríamos fazer a seguinte pergunta: por que existe tanta preocupação de que acabaremos com nossos recursos? Como podemos chegar a um equilíbrio razoável entre o uso de recursos e sua conservação?

Quando a maioria dos indivíduos pensa em recursos, logo lhes ocorre a possibilidade de eles se esgotarem. E esgotar um recurso qualquer significa que não sobrá nada para as gerações futuras. Isso assusta as pessoas. A ideia que se tem é algo como isto: *se os pais deixarem os filhos mexerem na comida logo na primeira noite do acampamento, não restará nenhum sanduíche para o piquenique*. Os pais, imbuídos de sabedoria, racionam os recursos e restringem o acesso das crianças aos alimentos, para que haja alguma coisa para mais tarde. Aqueles que acreditam que o governo deveria gerenciar os recursos imaginam que o governo terá o mesmo comportamento de pais sábios. Mas será verdade?

O que talvez você não tenha percebido é que as pessoas no mercado — sob certas condições — encontram um equilíbrio entre consumo e conservação, o que alguns podem chamar de “sustentabilidade”. Mas, antes de tudo, deve haver um mecanismo mercadológico completo. Isso pode ser difícil de

compreender para algumas pessoas, porque a maioria delas acha que mercados *causam* consumo excessivo. E certos tipos de mercados podem causar mesmo.

Mercados saudáveis só existem sob determinadas regras. E três dessas regras são as principais: propriedade privada, indicadores de preço e lucro. Essas são as condições básicas de negociação. Sem elas, não há mercado saudável.

Propriedade privada significa que um indivíduo possui toda a propriedade de um recurso. Nós sabemos quem é o proprietário, quanto ele possui, e esse direito não lhe pode ser tolhido arbitrariamente. O proprietário também pode ter a liberdade de alienar o recurso. O que significa que conhecemos a diferença entre meu e seu, e, sendo assim, temos condições de conservar, negociar ou consumir.

Preços são o que o economista Steven Horwitz chama de “informação embrulhada em um estímulo”. Quando o preço de algum recurso sobe bastante, os proprietários obtêm um estímulo para fazer aquilo que bem entenderem. Eles podem usar uma quantidade menor do recurso (ou seja, *conservá-lo*); talvez encontrem novas maneiras criativas de aumentar o fornecimento do recurso; ou podem encontrar um substituto, o que acaba por conservar o recurso. Claro que fazemos uma escolha desse tipo quando esperamos retornos futuros, também conhecidos como *lucro*. E nesse equilíbrio criado por preços, propriedade e lucro, os mercados conciliam uso com conservação.

Considere um recurso que já foi muito requisitado: óleo de baleia. O óleo de baleia era usado como fonte de energia no século XIX. Mas no caso das baleias, faltava um dos três componentes. Os baleeiros tinham preços e lucro, mas nenhuma propriedade privada. As baleias pertenciam ao que é conhecido como Bens Comuns — o que significava que qualquer um poderia caçá-las. Não é surpresa nenhuma que elas tenham sido caçadas até quase a extinção. Por ninguém deter a propriedade delas, os baleeiros tinham o estímulo perverso de que, quanto mais rápido elas fossem caçadas, melhor. Logo as baleias se tornaram escassas. De fato, como o número de baleias diminuiu, o preço individual do cetáceo subiu, e os estímulos à caça aumentaram. Porém, isso não ocorre se estiver em vigor um robusto regime de propriedade privada. Se as pessoas pudessem deter a propriedade das baleias, o estímulo delas não seria devastar todos os espécimes de maneira nada sustentável, mas fazer uma criação desses animais. (Ironicamente, os combustíveis fósseis salvaram as baleias graças à substituição.)

No século XIX, no Oeste americano, milhões de bisões selvagens (búfalos) vagavam pelas vastas planícies, que ainda não possuíam cercas ou limitações de propriedade. Eles quase foram extintos devido à caça predatória. Mas, ao contrário das baleias, as pessoas puderam tê-los como sua propriedade e criá-los como gado. O uso de arame farpado nas propriedades privadas tornou isso possível. Hoje, há muito mais gado nas planícies do que bisões selvagens, e mesmo os bisões que habitam terrenos privados têm sua sobrevivência mais assegurada do que na época em que vivam em propriedade “pública”.

Tomemos como exemplo as árvores. Na América do Norte, há mais árvores hoje do que nos últimos cem anos. Não só os silvicultores possuem estímulos para replantar as árvores que derrubam como também recebem incentivos para cortá-las a ritmos sustentáveis. É claro, em certas partes do mundo — como na Amazônia e na África —, preocupações quanto ao desmatamento são perfeitamente justificáveis. Qual é a maior diferença entre as florestas da América do Norte e as florestas da América do Sul? Em um dos casos, as florestas são amplamente administradas pelo governo; no outro, são amplamente administradas por particulares.

Desde 1900, as áreas florestadas dos Estados Unidos permanecem estáveis, ao contrário de outras regiões do mundo, nas quais o desmatamento está ocorrendo em ritmo acelerado. Se forem incluídas nessa conta as florestas do Norte do Canadá, que são bastante densas, poderemos ver que a superfície coberta por florestas na América do Norte desde 1900 cresceu exponencialmente, de acordo com os relatórios da ONU sobre o Estado das Florestas no Mundo.

Em contrapartida, florestas em muitas partes do mundo estão perdendo terreno. Por que as florestas da América do Norte vêm crescendo enquanto florestas de outras regiões estão se perdendo? Certamente, o fator determinante é se o país tem as três regras principais (mais uma vez: propriedade privada, indicadores de preço e lucro). A ausência dos direitos de propriedade é conhecida como a Tragédia dos Bens Comuns. Se olharmos para os fatos ao redor do mundo, lugares que possuem direitos estáveis sobre a propriedade privada equilibraram suas áreas florestadas. Lugares que não têm regimes com direitos estáveis sobre a propriedade privada possuem essas tragédias dos bens comuns — e sua ânsia pela exploração. Se alguma coisa não tem dono, então muitos podem ver nisso um estímulo para usar e até abusar de tal coisa, e pouco, ou nenhum, estímulo para cuidar dela ou fazê-la prosperar.

Líderes políticos em regiões sem direitos de propriedade privada tentaram resolver o problema da exploração incessante das florestas por meio de regulamentações governamentais — ou seja: apenas proibiram as pessoas de usar o recurso ou obrigaram o governo a alocá-las de maneira “sustentável”. Ao contrário dos clichês de conservação da esquerda, nenhuma das duas políticas tem funcionado muito bem.

No caso das proibições, mercados negros se formaram e houve uma corrida para a exploração do recurso. Madeireiros ilegais e traficantes de madeira têm proliferado, porque os problemas persistem. Por exemplo, os rinocerontes negros estão sob ameaça de extinção na África, a despeito das proibições. Pelo fato de o incentivo do lucro ser ainda mais intenso durante proibições, muitos resolvem se aventurar no mercado madeireiro. No caso da alocação de recursos por parte dos governos, o processo pode ser facilmente corrompido. Em outras palavras, qualquer um que for capaz de controlar os reguladores será capaz de manipular o processo a seu favor. Em seguida, o problema deixa de ser apenas a corrupção, mas, na maioria dos casos, as próprias considerações quanto à “sustentabilidade” deixam de existir, levando junto com elas os mecanismos de mercado que constituem as verdadeiras provas da sustentabilidade.

RESUMO

- É demasiado simplista imaginar que as pessoas consumirão cegamente aquilo que as sustenta sem levar em consideração as estruturas de estímulo que elas enfrentam; se houver incentivos para a conservação, elas agirão nesse sentido.
- A propriedade privada é um estímulo poderoso para a conservação de recursos. Você só tem a perder se sair por aí esbanjando o que é seu.
- Quando a propriedade se torna um “bem comum”, recebemos uma autorização para usar e abusar dos recursos, sem nenhum incentivo para cuidar deles e aprimorá-los.

3

A igualdade contribui para o bem comum

Por Lawrence W. Reed

PESSOAS LIVRES NÃO SÃO IGUAIS, E PESSOAS IGUAIS NÃO SÃO LIVRES.

Eu gostaria de lembrar quem elaborou essa frase, que, repleta de profundo significado, deveria ser considerada uma das maiores verdades de todos os tempos.

Igualdade perante a lei — por exemplo, ser considerado culpado ou inocente com base no fato de você ter ou não cometido o crime, não por conta de sua cor, sexo, classe social ou crença — é um nobre ideal, e não está em questão no momento. A “equivalência” à qual a afirmação acima se refere pertence a questões de renda ou bens materiais.

Desse modo, sob outra ótica, a afirmação acima pode ser lida assim: “Pessoas livres terão rendas diferentes. Quando têm a mesma renda, elas não podem ser livres.”

Igualdade econômica em uma sociedade livre é uma miragem vislumbrada pelos redistribucionistas — que, frequentemente, estão dispostos a derramar sangue e riquezas para atingir suas metas. Mas pessoas livres são pessoas diferentes, portanto, não deveria ser uma surpresa o fato de elas obterem rendas diferenciadas. Nossos talentos e habilidades não são idênticos. Nem todos trabalham tão arduamente. E mesmo que, como num passe de mágica, todos nos tornássemos iguais em riqueza esta noite, voltaríamos a ser desiguais logo na manhã seguinte, porque alguns de nós gastariam mais, e outros poupariam.

Para que pudessem produzir um mínimo de igualdade econômica, os governos deveriam emitir as seguintes ordens, sustentando-as com multas,

penalidades e até prisões ou pelotões de fuzilamento: “Não supere ou trabalhe mais duro que o cara ao seu lado, não tenha novas ideias, não assuma riscos e não faça nada de diferente daquilo que fez ontem.” Em outras palavras, não seja humano.

O fato de que pessoas livres não são iguais em termos econômicos não há de ser lamentado. Pelo contrário, é causa para júbilo. A desigualdade econômica derivada da interação voluntária entre indivíduos criativos, e não devido a influências políticas, apenas corrobora que esses estão sendo eles mesmos, cada um aplicando no trabalho suas singularidades de maneiras gratificantes para si e úteis para os outros. Como diriam os franceses em um contexto diferente, *Vive la difference!*

Pessoas obcecadas com igualdade econômica — igualitarismo, para empregar um termo mais clínico — fazem coisas estranhas. Elas invejam os outros. Sentem cobiça. Dividem a sociedade em duas categorias: vilões e vítimas. Gastam mais tempo querendo puxar os outros para baixo do que fazendo força para evoluir. Não são nada divertidas para se conviver. E se chegam a algum cargo eletivo, podem causar danos seriíssimos. Pois, assim, elas não apenas chamarão as autoridades; elas *serão* as autoridades.

Exemplos de leis nocivas motivadas por sentimentos igualitários, é claro, são incontáveis. Elas criam a base para o aparato redistributivo do moderno estado de bem-estar social. Um caso clássico foi, na década de 1990, um aumento de impostos especiais de consumo sobre barcos, aeronaves e joias. Os apoiadores do projeto de lei no Congresso presumiram que apenas os ricos compram barcos, aeronaves e joias. Taxar tais itens daria uma lição aos ricos, ajudaria a diminuir a diferença entre os “privilegiados” e os “desprivilegiados”, e havia uma projeção de aumento de 31 milhões de dólares na arrecadação para o Tesouro federal em 1991.

O que realmente ocorreu foi muito diferente. Um estudo subsequente feito pelos economistas do Comitê de Junta Econômica do Congresso demonstrou que os ricos não seguiram a fila do rebanho para serem tosquiados: a receita total dos novos impostos em 1991 foi de apenas 16,6 milhões de dólares. A principal afetada foi a indústria náutica, na qual houve um total de 7.600 demissões. Na indústria aeronáutica, 1.470 pessoas foram para o olho da rua. E na indústria de joias, 330 empregos foram extintos para que os congressistas pudessem aliviar suas consciências igualitárias.

O estudo também revelou que esses empregos perdidos causaram uma perda aos cofres públicos de 24,2 milhões de dólares, por causa do seguro-de-emprego. Isso mesmo — 16,6 milhões de dólares entraram, 24,2 milhões de dólares saíram, gerando uma perda líquida de 7,6 milhões de dólares para o já deficitário Tesouro Nacional. Ao promover a causa da igualdade econômica com uma medida punitiva, o Congresso conseguiu nada mais do que deixar a si mesmo e todos nós um pouco mais pobres.

No entanto, para o igualitarista fervoroso, intenções sempre valem mais, e as consequências são insignificantes. É mais importante enfatizar e atacar do que produzir resultados que sejam construtivos ou que atendam aos objetivos expressos. Forçar o Congresso a desfazer o dano que causou com más ideias como essa é sempre desanimador.

Em julho de 1995, a desigualdade econômica constou nas manchetes dos jornais após a publicação de um estudo feito pelo economista Edward Wolff, da Universidade de Nova York. Sendo o mais recente de uma longa lista de falácias que pretendem mostrar que os livres mercados estão tornando os ricos mais ricos e os pobres mais pobres, o trabalho de Wolff foi comemorado na mídia tradicional. “A descoberta mais reveladora”, escreveu o autor, “é que a quota de patrimônio líquido comercializável detido pelo 1% mais rico, que caiu dez pontos percentuais entre 1945 e 1976, aumentou 39% em 1989, comparado com 34% em 1983.” Enquanto isso, aqueles na base da escala de rendimentos viram seus patrimônios se reduzirem no mesmo período — se formos confiar no estudo de Wolff.

Contudo, mediante uma análise mais detalhada e desprovida de paixões, vemos que o estudo não contou a história até o fim, se é que contou alguma parte dela. Wolff não só utilizou uma medida muito restrita que, por natureza, exagera as disparidades entre as riquezas, mas também ignorou a mobilidade dos indivíduos para cima e para baixo dentro da escala de rendimentos. Em um editorial de 28 de agosto de 1995, o *Investor's Business Daily* entregou toda a verdade: “Diferentes pessoas compõem ‘os ricos’ de ano para ano. Os dados mais recentes advindos das declarações de imposto de renda (...) mostram que 20% dos mais ricos de 1979 caíram para uma faixa de renda menor no ano de 1988.”

Dentre os que compunham esses 20% de 1979, apenas 14,2% ainda se mantinham nessa faixa em 1988. Quanto aos níveis de rendimento, cerca de

20,7% subiram um nível, enquanto 35% subiram dois níveis de rendimento, 25,3% subiram três e 14,7% juntaram-se aos 20% mais ricos.

Se a desigualdade econômica é uma enfermidade, punir esforço e sucesso não pode ser considerado uma cura. Medidas coercitivas que visam a redistribuição de riquezas induzem os espertos ou “privilegiados” com boas relações políticas a buscar refúgio em paraísos fiscais locais ou no exterior, enquanto os indefesos “desprivilegiados” sofrem os maiores golpes em função do declínio econômico. Um gasto de tempo mais produtivo seria trabalhar para eliminar a montanha de ingerências governamentais que asseguram que os “desprivilegiados” também sejam os “incapacitados”.

Essa questão de igualdade econômica não se trata de compaixão. Quando está apenas no plano das ideias, é pura bobagem. Quando entra para o campo das políticas públicas, é uma grande irracionalidade.

RESUMO

- Se as pessoas forem livres, elas serão diferentes. Isso reflete suas individualidades e contribuições aos outros no mercado. São necessários esforços para torná-los iguais.
- Talentos, empreendedorismo e saber poupar são três das principais razões por que temos rendimentos diferenciados numa sociedade livre.
- Forçar as pessoas a serem iguais economicamente pode fazer com que igualitaristas equivocados se sintam melhor, mas causa danos reais a pessoas reais.

4

Quanto mais complexa a sociedade, mais o governo controla o que precisamos

Por Leonard E. Read

O REITOR DE UMA UNIVERSIDADE AFIRMOU O SEGUINTE NUM seminário recente: “Suas teorias de livre mercado, propriedade privada, governo limitado estariam todas de acordo diante de condições simples de há pouco mais de um século, mas é óbvio que são impraticáveis na economia complexa presente. Quanto mais complexa a sociedade, maior a necessidade de controle governamental; isso parece axiomático.”

É importante expor essa falácia frequente, plausível e influente, porque ela leva direta e logicamente ao plano socialista. Foi assim que um membro do seminário respondeu ao reitor:

“Imaginemos a situação mais simples possível, só entre mim e você. Digamos que eu sou tão sábio quanto qualquer presidente dos Estados Unidos que já ocupou o cargo durante sua vida inteira. Diante dessa premissa, você, honestamente, acha que eu teria competência para controlar de forma coercitiva o que você, porventura, viesse a inventar, descobrir ou criar, o que ou com quem você deveria negociar ou se associar? Minha incompetência não seria patente na mais simples das sociedades?

“Agora, levemos essa situação simples a uma sociedade complexa — todas as pessoas desta sala. O que você acharia da minha competência para controlar de forma coercitiva suas ações criativas? Ou então, vamos considerar uma situação realmente complexa: os 188 milhões de habitantes desta nação.* Se eu

* Nos dias atuais, são mais de 320 milhões.

sugerisse que eu deveria assumir o comando de suas vidas e de seus bilhões de interações, você concluiria que eu estava delirando. Não está na cara que, quanto mais complexa for a economia, mais provável se torna que o controle governamental sobre o esforço produtivo exerça uma influência retardante? Claro que quanto mais complexa fosse nossa economia, mais deveríamos confiar nos processos milagrosos e adaptativos do homem de agir livremente. Nenhuma mente humana, nem nenhuma combinação de mentes, jamais poderia vislumbrar, quiçá controlar de modo inteligente, as incontáveis interações de energia humana em uma sociedade simples, que dirá em uma complexa.”

É pouco provável que o reitor torne a abordar essa questão.

Embora expor falácias possa ser comparado a tentar apagar incêndios florestais indefinidamente, o exercício, contudo, é útil e engrandecedor — no sentido de que ações preventivas podem ser úteis. Além disso, a capacidade de expor falácias — uma tática negativa — parece ser o preâmbulo necessário para reforçar de maneira influente coisas positivas. A menos que a pessoa possa demonstrar competência para destruir o erro socialista, é pouco provável que ela venha a cair nas graças do público por suas visões a respeito das maravilhas forjadas por homens livres.

De todos os erros ouvidos em salas de aula, ou qualquer outro lugar, não há nenhum que não possa ser esclarecido. Só precisamos dedicar nossas inteligências a isso. A Fundação para a Educação Econômica busca ajudar aqueles que gostariam de expor falácias e ressaltar os méritos da liberdade. Quanto mais gente nos superar para fornecer esse tipo de ajuda, melhor.

Embora a falácia “complexidade exige controle” não seja expressada publicamente de maneira tão ousada nos dias de hoje, ela ainda está implícita nas principais afirmações da esquerda moderna. Quase todas as inovações dão origem a algum apelo de algum progressista de algum lugar qualquer que visa regulá-las, monitorá-las e, às vezes, bani-las. Raramente um progressista irá rejeitar novas tarefas governamentais, muito embora o governo já tenha assumido diversas tarefas, porém pessimamente administradas (à custa de prejuízo financeiro). Seria bom ressaltar que quanto mais o governo tenta impor controles, menos ele consegue realizar bem todos os seus deveres, inclusive os essenciais.

Leonard Read faleceu em 1983, mas sua sabedoria, como a expressa aqui, ainda ecoa por todos os cantos.

[Nota do Editor: Este foi o primeiro capítulo da primeira edição de *Clichés of Socialism*, publicado em 1962.]

RESUMO

- Complexidade não insinua automaticamente uma centralização do poder.
- Você e eu temos o trabalho constante de gerenciar nossas próprias vidas; nossa tarefa aumenta exponencialmente quando tentamos controlar as vidas de outras pessoas a nossa volta, e ela se expande além da lógica quando tentamos controlar as vidas de milhões.

5

A desigualdade econômica é a maior crise econômica e moral da nossa época

Por Ron Robinson

NO CERNE DA POPULARIDADE DO PROGRESSISMO, DA ESQUERDA, está sua temática ideológica de que a desigualdade econômica é um mal em uma sociedade livre.

Os líderes governistas mais memoráveis do século xx subiram ao poder atacando a desigualdade econômica de uma forma ou de outra. Lenin atacava o velho regime imposto pelos czares. Depois, ele derrubou o governo substituído liderado pelo socialdemocrata Alexander Kerensky, porque o partido socialista de Kerensky tolerava a desigualdade econômica. Stalin veio em seguida com sua perseguição aos *kulaks*, que eram os fazendeiros relativamente mais bem-sucedidos, ucranianos em sua maioria. Lenin preparou o terreno para os expurgos de Stalin, rotulando os *kulaks* de “sugadores, vampiros, saqueadores do povo e aproveitadores, que enriqueceram com a fome alheia”.

Hitler e seus Nacionais Socialistas atacavam os judeus alemães por seu sucesso econômico e acúmulo de riquezas. Mao Tsé-Tung chegou ao poder prometendo igualdade econômica e, mais tarde, comandou a “Revolução Cultural” para impor sua visão. Os irmãos Castro e sua polícia secreta, o famigerado Comitê pela Defesa da Revolução, buscaram livrar Cuba de seus empreendedores, advogados e médicos bem-sucedidos.

Em essência, os mesmos vícios motivaram cada um desses movimentos: inveja e cobiça pelo sucesso dos esforçados empreendedores de suas sociedades. Camponeses e marinheiros russos recebiam treinamento para vilipendiar os *kulaks*. Nos anos 1930, os nazistas encontraram seguidores ressentidos do

sucesso de mercadores e artífices judeus. Mao e sua Guarda Vermelha atacavam qualquer um que não coadunasse com as “massas”. Castro eliminou ou expulsou todos aqueles que tinham plantações privadas, produziam açúcar, distribuíam petróleo ou lidavam com entretenimento.

Os esquerdistas dos dias atuais também recorrem à inveja e à cobiça para justificar a elevação de impostos. Raramente deparamos com um exemplar do *New York Times*, *Washington Post* ou outro periódico de tendências de esquerda que não cite a desigualdade econômica como uma ameaça à sociedade.

Como é possível que vícios como inveja, cobiça ou ressentimento ainda sejam parte essencial da agenda progressista, levando em conta os resultados de movimentos do século xx com motivações semelhantes? Como o finado economista Milton Friedman ressaltou de forma brilhante: “Uma sociedade que coloca a igualdade acima da liberdade nunca terá nenhuma das duas. Uma sociedade que coloca a liberdade acima da igualdade experimentará em boa medida tanto de uma quanto de outra.”

Basicamente, faz parte da condição humana não conseguir admitir que alguém é mais bem-sucedido que outro em virtude de dons diferentes, ou porque talvez essa pessoa se esforce mais, ou ainda porque ela tomou melhores decisões. A história do rancor e do ciúme de Caim por Abel, descrita em diversas escrituras do judaísmo, cristianismo e islamismo, e suas terríveis consequências destaca como pode ser perigoso alimentar-se de ressentimento.

Mesmo assim, é a inveja, a cobiça e o ressentimento a base do sistema de crenças de esquerda da atualidade.

Pergunte a qualquer redistribucionista econômico atual: Você fez o que Kobe Bryant, Aaron Rodgers, Alexander Ovechkin, Katy Perry, Taylor Swift, ou mesmo Bill Gates ou Warren Buffett fizeram para conquistar suas riquezas? Duvido que eles digam que sim. Ao mesmo tempo, quantos americanos não são ludibriados a desumanizar os “abastados” ao ponto de se sentirem consolados com a aplicação de confisco tributário sobre eles?

De fato, na cultura americana de hoje, nossos filmes, séries televisivas, produções acadêmicas e a mídia produzem mais ataques *ad hominem* contra empresários bem-sucedidos do que em todas as máquinas de propaganda dos Nacionais Socialistas, do Comitê pela Defesa da Revolução e da Guarda Vermelha de anos progressos.

Todo estudante sabe que seus colegas de turma tiram notas diferentes por causa de individualidades relacionadas a inteligência, capacidade de atenção, esforço e o nível de outras distrações cotidianas de cada aluno. Portanto, não existe uma perspectiva ideológica dentro da sala de aula que insista para que todas as notas devam ser iguais, e que a “desigualdade” entre as notas necessitem ser eliminadas.

Você sabe que seus esforços, ou os esforços de seus colegas de sala, merecem recompensas diferenciadas. Você aceita isso como justo. Embaralhar as notas ao acaso, ou igualar todas as notas, não incentivará a busca por bolsas de estudo ou qualquer tipo de empenho.

Assim, é por isso também que conservadores e libertários não se impressionam por alegações ideológicas de que a desigualdade econômica é digna de preocupação, exceto quando há interferência governamental para escolher seus prediletos.

Uma das parábolas mais notáveis de Jesus trata de três servos que recebem três diferentes conjuntos de talentos. Jesus não sugeriu que esses talentos devessem ser redistribuídos para gerar igualdade. Sua principal preocupação era que cada beneficiário usasse sabiamente os talentos que lhe foram confiados. Como aquele com o maior número de talentos usou-os de maneira mais eficiente, a parábola de Jesus termina com uma grande recompensa para ele.

Uma observação final: quando os progressistas discutem sobre segurança ou ameaças externas, eles sempre perguntam: “Se você acha que a Al Qaeda ou o Estado Islâmico é uma ameaça aos Estados Unidos, então por que não se alistou ao exército?” Bem, você deveria usar essa abordagem retórica ao debater ou discutir sobre “desigualdade econômica” com um progressista. Por que eles não oferecem voluntariamente ao governo mais de sua renda pessoal do que lhes é obrigado a pagar por lei?

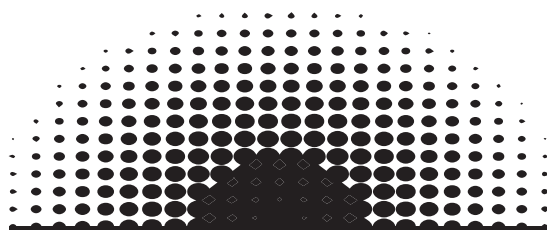
Se o progressista pensa que a desigualdade econômica é uma ameaça que demanda ação, então eu pergunto: “Por que não começar com você e redistribuir sua renda? Sua renda é absurdamente desigual se comparada aos pobres do Terceiro Mundo, ou mesmo aos americanos mais pobres.” Sem dúvida, o progressista sempre se recusa a reconhecer que o governo não pode oferecer nada a ninguém sem antes se apoderar de parte dos ganhos e rendimentos das pessoas. E os progressistas raramente dedicam voluntariamente seus recursos.

RESUMO

- Historicamente, os piores demagogos demonizam um grupo que eles não apreciam, assim como “os ricos”, com o propósito de ganhos políticos e conquista de poder.
- De maneira hipócrita, muitos esquerdistas preconizam a redistribuição econômica por meio do governo em nome da “igualdade”, mas raramente seguem estilos de vida ou gastam seu dinheiro em conformidade com as políticas que eles apoiam.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
GRÁFICA KUNST EM SETEMBRO DE 2018